



A floresta e a escola em Milton Hatoum

The Rainforest and the School Meanings' in Milton Hatoum

Marcos REIGOTA

Programa de Pós-graduação em Educação

Universidade de Sorocaba, Brasil

RESUMO

Milton Hatoum nasceu em 1952 em Manaus, numa família de origem libanesa. Estudou arquitetura na Universidade de São Paulo e literatura em Barcelona e Paris. É professor de literatura francesa na Universidade do Amazonas. Escreveu: *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois Irmãos* (2000), com os quais recebeu o Prêmio Jabuti. Nas suas novelas, Manaus enveredada pela floresta é a protagonista, onde circulam personagens das mais diversas etnias, culturas e classes sociais. Nesse trabalho procuramos analisar os significados da floresta e da trajetória escolar das principais personagens de *Dois Irmãos*.

Palavras-chave: Escola, floresta, Hatoum, literatura.

ABSTRACT

Milton Hatoum was born in 1952 in Manaus. His family was Lebanese. He studied architecture at São Paulo University and literature in Barcelona and Paris. He is a French literature professor at Amazonas University. His two novels: *Relato de um certo Oriente* (1989) and *Dois Irmãos* (2000), won the prestigious Jabuti Prize. The city of Manaus surrounded by the rainforest and habitants from everywhere, is the central theme in both novels. In this paper we analyze the meanings of the rainforest and the scholarly trajectory of the *Dois Irmãos* characters.

Key words: School, rainforest, Hatoum, literature

Com dois livros publicados, *Relato de um certo Oriente* (1989) e *Dois Irmãos* (2000), Milton Hatoum conquistou o público e a crítica exigentes.

Tendo como referência a imigração de uma família árabe para Manaus o escritor traça uma cartografia pessoal e particular descontruindo e reelaborando um imaginário de povos, cidades, culturas e ambientes que têm ficado à margem da produção cultural brasileira.

Longe do folclore enganador que mistura clichês exóticos de culturas milenares e das características de uma literatura regionalista tardia, Milton Hatoum explora com maestria a busca do sentido da existência nesses tempos de dificuldades e de necessidades de se dialogar com o outro. Os seus dois livros podem ser lidos no contexto do advento contemporâneo da alteridade.

O autor traça com profunda sensibilidade e paciência de mestre artesão um cotidiano e memória de (in)possibilidades, conflitos e sínteses no convívio entre pessoas de culturas e personalidades completamente diferentes na cálida Manaus, expondo a decomposição das relações humanas, sociais, culturais (e ecológicas) tão características do século XX.

Nos seus romances, a paisagem da cidade se destaca. Mas esta paisagem entrelaçada com a natureza, se deteriora quase que no mesmo ritmo e proporção dos desencontros. A paisagem em Milton Hatoum, como em Graciliano Ramos ou Guimarães Rosa, não está fora do que as personagens pensam e vivem.

Manaus povoa o imaginário planetário contemporâneo, devido ao debate ecológico sobre a floresta Amazônica e o autor sabe disso, já que a sua trajetória intelectual e de nômade que o levou a viver em Brasília, São Paulo, Califórnia e Europa não poderia lhe deixar alheio.

Ao abordar a sua cidade entrelaçada com a floresta Milton Hatoum acompanha o movimento que desloca o interesse para espaços, culturas e natureza extremamente evidenciadas mas pouco ou nada conhecidas. O autor nos alerta para o fato que falar da Amazônia não pode ser uma banalidade.

Estaria na alegoria da decadência de sua cidade o pessimismo em relação à conservação da floresta e a sobrevivência dos ribeirinhos, indígenas e de suas respectivas culturas?

As personagens de Hatoum são herdeiras de tradições milenares que se chocam, têm contato com livros, com manifestações artísticas populares e eruditas e vão à escola.

A importância da escola (pública) é evidenciada não só nos seus livros como nas entrevistas que tem dado nos últimos anos.

Em *Dois Irmãos*, o autor deixa claro a influência da escolaridade na qualidade, sensibilidade e análise dos fatos pelo curumim narrador. Curumim excluído da família e da sociedade que se torna professor.

O seu otimismo em relação à escola seria um contraponto ao seu pessimismo em relação à cidade e à floresta?

Hatoum não esconde que considera a escolarização uma arma poderosa para os excluídos, assumindo assim o ideário Iluminista que tem nesse direito um dos seus mais sólidos argumentos.

Estaria na escolarização uma possibilidade de preservação da floresta?

Procurar responder essas e outras questões na obra de Milton Hatoum é um estudo que estamos realizando no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de

Sorocaba tendo em vista a importância social e ecológica que tanto a floresta como a escola têm para a sociedade brasileira (e planetária) em nossos dias.

A FLORESTA

Em *Dois irmãos*, é a cidade de Manaus e não a floresta que está em primeiro plano. No início do século XX, a cidade conheceu o seu esplendor provocado pelo rápido ciclo da borracha.

A sua decadência se acentuou à partir dos anos 60, período de intensa urbanização “com bairros construídos nas áreas desmatadas” (p. 247). Porém a cidade conserva resquícios de outros tempos, na sua arquitetura imponente semi-destruída, nas suas “praças marcadas pelas raízes grossas de um apuizeiro” (p. 199) e nos seus generosos quintais.

Milton Hatoum lamenta a decadência de sua cidade “que cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro” (p. 41), e elabora sua trama relacionando-a com esse “mundo de ilhas, lagos, rios intermináveis” (p. 160) que é a Amazônia.

Sutilmente, o autor elabora as conexões da cidade com a floresta através de suas personagens. Em *Dois irmãos*, encontramos imigrantes árabes, aventureiros indianos, indígenas, “ex-seringueiros, quase todos paupérrimos” (p. 152), migrantes do interior do Amazonas e “caboclos filhos da mata e da solidão” (p. 148).

Essas personagens, muitas delas anônimas, com suas histórias e conhecimentos são coadjuvantes na saga de uma família de origem libanesa.

O cheiro da floresta invade a cidade, assim como os seus sabores e saberes. Os quintais são as reservas particulares e extensão da floresta.

Nos quintais se encontram exemplares da megabiodiversidade da Amazônia. Encontramos ali: urumutum do rio Negro, surucuás-de-barriga-vermelha, numbuaçu, anum, mucura, saurás e morcegos por entre os galhos, folhas e frutos da seringueira, fruta-pão, jambos, mangueiras, ingás, jatobás, tajás, aningas, açazeiros.

Pelos quintais entramos em contato com a etimologia indígena das espécies, as aplicações medicinais e as possibilidades culinárias.

A relação da cidade com a floresta é mediada pelas principais personagens nas quais se destacam a índia Domingas da etnia Nheengatu “que conhece as batuínas e os aturiás e jacamins” (p. 74) e o imigrante libanês Galib.

Domingas é a “agregada” da segunda geração família libanesa imigrada. Está sempre pronta para servir, obedecer e agradar: “Halim ainda estava no quarto, Domingas arrumava na mala pacotes de farinha e mantas de pirarucu seco” (p. 42).

Nos poucos momentos livres que dispunha, ela fazia esculturas de animais de casca de um tronco de muíra piranha: “Podia transformar um pau tosco num pequenino papa-acaí de peito encarnado” (p. 130) e também “esculpir as asas mais finas de um saracú, o pássaro mais belo empoleirado num galho de verdade” (p. 244).

Aos dois irmãos gêmeos, Yaqub e Omar, as atividades serviços de Domingas eram acrescidas de doses de erotismo e atenção afetuosa.

As mãos dela enxugando-lhe o rosto, o pescoço, o peito cabeludo. Ele, quase nu, esparramado na rede vermelha. Os chumaços de formigas-de-fogo, batalhões de amarelo vivo cercando as garrafas de rum e uísque no chão de cimento. O cheiro de arnica, banha de cacau e óleo de copaíba nos hematomas que manchavam o

corpo de Omar. Esses cheiros e outros: o das folhas grandes da fruta-pão, semelhantes a abanos verdes; o do cupuaçu pesado e maduro, cofre de veludo ocre que protege a polpa prateada, fonte de raro perfume.

As folhas molhadas com que ela cobria as partes roxas do corpo dele, o suco de cupuaçu com caroços para chupar que ela lhe preparava no meio da tarde, quando revigorado, ele abria os braços” (pp. 147-148).

Nos momentos de fraqueza de Omar, provocados pelas noites, ela desfrutava do seu corpo inerte e podia aplicar-lhe os seus conhecimentos.

Quando ele pegou “uma gonorréia galopante, Domingas fervia água com folhas de cajuru e o caçula ficava de cócoras ao lado da bacia, recebendo o tratamento da mãe” (p. 209).

A mesma atenção dispensada a Omar, mas com ênfase e carinhos redobrados Domingas proporcionava a Yaqub.

“Domingas largou o ferro e foi acolher o recém-chegado. Abraçou-o, e foi o abraço mais demorado que ela deu num homem da casa. Depois serviu-lhe suco de jambo, armou a rede no alpendre e pôs aí uma mesinha com pupunhas cozidas e um bule de café” (p. 194).

Yaqub voltava de São Paulo. Ele havia deixado Manaus, onde “passeava com Domingas pelas margens do rio Negro e com ela se escondia nos aningaís” (pp. 114:115) para ir estudar na USP.

Nas cada vez mais raras cartas que escrevia à família, “com poucas palavras, Yaqub pintava o ritmo de sua vida paulistana. A solidão e o frio não o incomodavam (...) De vez em quando, ao atravessar a praça da República, parava para contemplar a imensa seringueira. Gostou de ver a árvore amazônica no centro de São Paulo, mas nunca a mencionou” (pp. 59:60).

A culinária ocupa uma posição importante no encontro das culturas do Amazonas. Os temperos árabes colocados nos peixes locais refinaram o paladar da família, dos seus amigos e visitas.

Galib, o patriarca libanês que chegou em Manaus em 1914, foi o precursor. Ele abriu um restaurante com o nome de sua cidade natal, Biblos. “No mercado municipal, escolhia uma pescada, um tucunaré ou um matrinxã, recheava-o com farofa e azeitonas, assava-o no forno de lenha e servia-o com molho de gergelim” (p. 47).

No Biblos, Galib “preparava temperos fortes com a pimenta-de-caiena e a murupi, misturava-as com tucupi e jambu e regava o peixe com esse molho. Havia outros condimentos, hortelã e zatar, talvez” (p. 63).

Mesmo quando deixa Manaus para visitar e morrer na sua terra natal, Galib não abandona os seus hábitos adquiridos na cidade.

“Ele festejava a volta cozinhando acepipes amazônicos: o pirarucu seco com farofa, tortas de castanha, coisas que levava do Amazonas” (pp. 55-56).

Nadel, filho de Domingas com um dos irmãos gêmeos é o narrador. A sua origem e existência estão intimamente relacionadas com a decadência da família, da casa onde mora num cômodo nos fundos e das relações sociais e afetivas que compartilha e/ou observa.

Descobrir-se implicava para ele se posicionar frente a sua condição de filho bastardo. Implicava também não estabelecer nenhuma relação afetiva com a natureza presente no quintal.

Para Nadel, “zelar por essa natureza significava uma submissão ao passado, a um tempo que morria dentro de mim.” (p. 265).

Na sua indiferença pela família a qual pertencia e era discriminado, pela casa em que vivia e pelo quintal que cuidava desde menino pode-se identificar obstáculos pessoais, profundos e legítimos de alguma tentativa, por parte dele, de preservação de qualquer um desses elementos.

Poderíamos estender essa situação particular vivenciada por ele em relação ao quintal à preservação da floresta?

A ESCOLA

A escola e o processo de escolarização são temas recorrentes em *Dois irmãos*. As diferenças fundamentais entre as personagens vão sendo marcadas através de objetos e livros escolares, relação com os professores, cotidiano escolar de colégios católicos, privados e públicos de Manaus e de São Paulo e da Escola Politécnica da USP.

Através das trajetórias escolares de Yaqub e Omar fica evidenciado o ódio entre eles e a caracterização das relações sociais e afetivas no interior da casa e na sociedade amanauara.

Nadel é um observador astucioso dessa situação e um leitor voraz dos livros de cálculo usados e oferecidos por Yaqub e dos romances lidos e relegados por Omar.

Ele é um excluído, um “zé-ninguém”, que vaga pelo espaço obedecendo e cumprindo ordens. Graças a atenção do seu avô, Halim, pôde estudar no afamado “Galinheiro dos Vândalos”, como era conhecido o Liceu Rui Barbosa- O Águia de Haia, de Manaus.

Ali ele encontrava traços de Omar, que lhe atraía e repulsavam. “No Liceu, havia vestígios do caçula: ex-namoradas, histórias de algazarra, de cenas heróicas, duelos, desafios. Nas paredes do banheiro havia inscrições de sua autoria” (p. 107).

Se a reputação do Liceu não ajuda na sua formação, o cotidiano na casa e a sua condição no seio da família libanesa só piora as suas tentativas de estudo. Nadel não se dá por vencido. “Domingas... chorava quando me via correndo e bufando, faltando aula, engolindo desaforos” (p. 90).

Naquela casa, seus estudos e leituras eram constantemente interrompidos para levar recados ou encomendas, atender uma ordem dos moradores, ou, o que era pior, dos seus amigos e vizinhos.” Eu contava os segundos para ir à escola, era um alívio” (p. 88), diz ele.

Quando podia, Nadel estudava num quarto com goteiras, mofo e bolor. Com essa trajetória, ele se torna professor.

Os pais dos gêmeos são escolarizados, assim como Domingas que foi “acolhida” e alfabetizada num orfanato de freiras. Halim e Zana escrevem cartas, lêem poemas Um poema encomendado por Halim foi a arma para conquistar Zana. Uma enciclopédia com dezoito volumes decora um dos quartos da casa da família. Rânia, a irmã mais nova de Yaqub e Omar, por opção, abandona a faculdade para administrar a loja e as finanças da família. Objetos escolares são reverenciados: “Yaqub viu o lápis de sua primeira caligrafia e o caderno amarelado que Domingas guardara e agora lhe entregara como se ela fosse a sua mãe e não a empregada” (p. 21).

Logo no início do romance, a importância da escola é enfatizada, quando Zana, a mãe, protesta contra a decisão do marido de enviar Yaqub, ainda menino, para o Líbano.

“Meu filho vai voltar um matuto, um pastor, um *ra'i'*. Vai esquecer o português e não vai pisar na escola porque não tem escola lá na aldeia da tua família” (p. 15).

Na disputa pelo amor de uma menina, Yaqub é ferido na face pelo irmão. A cicatriz o tornou vítima de chacotas e zombarias na escola. Chamavam-no de “bochecha de foice” ou de “cara de lacrau”.

O mal estar em casa e no colégio dos padres salesianos foi o estopim para a decisão paterna de separar os gêmeos.

Com isso Yaqub viaja para o Líbano onde fica alguns anos e retorna a Manaus já adolescente.

Como previa Zana, no Líbano Yaqub desaprende o português. Voltou trocando “o pê pelo bê (não bossô babai, buxa vida!)” (p. 30).

Apesar das dificuldades com a gramática, com a acentuação tônica, “ele foi soietrando cantando as palavras, até que os sons dos nossos peixes, plantas e frutas, todo esse tupi não embolava mais na sua boca” (p. 31).

Yaqub se destacou em matemática e incentivado por um padre e professor polonês partiu para São Paulo para estudar na Escola Politécnica da USP onde foi aprovado em “brimeiro lugar”.

Na Escola Politécnica, Yaqub venerava “os sisudos mestres engravatados” (p. 61).

Ao contrário de Yaqub, Omar foi reprovado por dois anos seguidos e expulso (a única expulsão em dez anos), apesar dos apelos clementes de Zana, do colégio dos salesianos, por ter enfrentado e arrebetado a cara do professor polonês. Justamente o professor de matemática que tanto incentivava o seu irmão.

Depois da expulsão, restava a Omar o “Galinheiro dos Vândalos”. Ali ele se sentia em casa e reinou soberano.

No Liceu, Omar conheceu Laval, um inesquecível poeta, militante discreto que lecionava francês. Encontrou em Laval um amigo com quem podia freqüentar os bordéis da cidade.

“No Galinheiro dos Vândalos não havia nenhuma exigência; os mestres não faziam chamada, uma reprovação era uma façanha para poucos” (p. 37).

Depois de muitas farras e namoros com mulheres que sua mãe zelosa e apaixonada simplesmente repudiava, Omar é enviado a São Paulo, sob os cuidados do irmão doutor, para estudar.

Se matricula num ótimo colégio particular, um dos melhores de São Paulo, no bairro da Liberdade. Na sua partida caem nas mãos de Nadel “os romances e poemas que ele lia na rede” (p. 16).

No colégio paulistano, segundo informaram Yaqub quando seu irmão desapareceu “Omar assistia às aulas com assiduidade, freqüentava os laboratórios, só era um pouco estabonado nas aulas de educação física. Estava indo bem: por que deixara de freqüentar o colégio?” (p. 110).

Com a complacência da empregada de Yaqub, Omar rouba o passaporte e dólares do irmão, além de “uma gravata de seda e duas camisas de linho irlandês!” (p. 123) abandona o colégio e a pensão (sem pagar) e parte para os EUA.

De Miami, de Tampa, Mobile e Nova Orleans ele envia postais ao irmão e cunhada (a menina que na disputa com Yaqub lhe cravou uma cicatriz), com textos como este:

Queridos mano e cunhada, Lousiana é a América em estado bruto e mesmo brutal, e o Mississippi é o Amazonas desta paragem. Por que não dão uma voltinha por aqui? Mesmo selvagem, Louisiana é mais civilizada que vocês dois juntos. Se vierem, tratem de pintar o cabelo de loiro, assim vão ser superiores em tudo. Mano, a tua mulher que já foi bonita, pode rejuvenescer com o cabelo dourado. E tu podes enriquecer muito aqui na América. Abraços do mano e cunhado Omar (p. 122).

Nem São Paulo, nem os EUA prendem Omar. Seu lugar é em Manaus e para lá retorna, falando espanhol e inglês, cheio de planos mirabolantes.

Yaqub, com a precisão de um engenheiro, elabora a sua vingança definitiva arruinando os seus planos e finanças da família. Apesar da vingança implacável de Yaqub, o que irá destruir Omar será a prisão, tortura em praça pública e morte do seu amigo e professor Laval.

Acusado de subversivo pelos militares que tomaram o poder em 1964, Laval foi humilhado na praça das Acácias numa manhã de abril quando saía do café Mocambo.

Ele foi

esbofetado como se fosse um cão vadio à mercê da sanha de uma gangue feroz. Seu paletó branco explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, as mãos cegas procurando um apoio, o rosto inchado voltado para o sol, o corpo girando sem rumo, cambaleando, tropeçando nos degraus da escada até tombar na beira do lago da praça. Os pássaros, os jaburus e as seriemas fugiram (pp. 189-190).

Acusaram-no. Corria uma série de boatos sobre a militância política de Laval, alguns diziam que ele havia estado em Moscou. Não desmentia, nem confirmava, aumentando a lenda em torno do seu nome.

Ele era um poeta e professor, e os perigos que representava aos ditadores eram, assim, maiores.

Em sala de aula, se recusava a falar sobre política. Dizia “política é coisa de recreio. Aqui na sala, o tema é muito mais elevado” (p. 190) e empolgado recitava e fazia seus alunos recitarem, os seus poetas preferidos.

Quando morreu, todos seus alunos encontraram uma jeito diferente de protestarem contra a barbárie cometida.

Choveu muito, um toró dos diabos, no dia de sua morte. Mesmo assim, alunos e ex-alunos de Laval se reuniram no coreto, acenderam tochas, e todos tínhamos pelo menos um poema manuscrito do mestre. O coreto estava cheio, iluminado por um círculo de fogo. Alguém sugeriu um minuto de silêncio em homenagem ao mestre imolado. Depois, um ex-aluno do liceu começou a ler em voz alta um poema de Laval. Omar foi o último a recitar. Estava emocionado e triste, o Caçula. A chuva acentuava a tristeza, mas acendia a revolta. No chão do coreto, manchas de sangue. Omar escreveu com tinta vermelha um verso de Laval e por muito tempo as palavras permaneceram ali, legíveis e firmes, oferecidas à memória de um, talvez de muitos” (pp. 190-191).

A tristeza de Omar, com a morte de Laval é extrema. Diante dela, Nadel se comove.

“Por uma vez, uma só, não hostilizei o Caçula, não pude odiá-lo naquela tarde chuvosa, nossos rostos iluminados por tochas, ouvidos atentos às palavras de um morto, nosso olhar na fachada do liceu, na tarja preta que descia do beiral à soleira da porta” (p. 191).

Omar havia sido atingido. O liceu estava enlutado. Um mestre havia sido assassinado.

BIBLIOGRAFIA

- Arrigucci Jr. D., (1999): *Outros achados e perdidos*, São Paulo, Cia das Letras.
- Bosi A., (2002): *Literatura e resistência*, São Paulo, Cia das Letras.
- Capobianco J. P.,(coord), (2001): *Biodiversidade na Amazônia brasileira: Avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios*, São Paulo, ISA/Estação Liberdade.
- Cunha M.C; Almeida M. B., (orgs) (2002): *Enciclopédia da floresta: O Alto Juruá, práticas e conhecimentos das populações*, São Paulo, Cia das Letras.
- Fidelis A. C.,(1999): *Entre Orientes- Viagens e memórias; A narrativa Relato de um certo Oriente de Milton Hatoum*, Dissertação de Mestrado em Teoria Literária, Unicamp.
- Hatoum M. (1992): “Reflexão sobre uma viagem sem fim”, *Revista USP*, número 13, março/maio, pp. 61-65.
- Hatoum M. (1989): *Relato de um certo Oriente*, São Paulo, Cia das Letras.
- Hatoum M. (2000): *Dois irmãos*, São Paulo, Cia das Letras.
- Murphy P. (ed.) (1998): *Literature of nature; An international sourcebook*. Chicago/Londres, Fitzroy Dearborn Publishers.
- Reigota M. (2002): *A floresta e a escola: Por uma educação ambiental pós-moderna*, São Paulo, Cortez, 2ª edição.
- Reigota M. (1999): *Ecologistas*, Santa Cruz do Sul, Edunisc.